

OS PRESBITERIANOS E A ESCOLA EVANGÉLICA DE CASSILÂNDIA-
MS (1958-1968)

THE PRESBYTERIANS AND THE EVANGELICAL SCHOOL OF
CASSILÂNDIA-MS (1958-1968)

Ademilson Batista Paes¹

Fernando Luís Oliveira Athayde Paes²

Vanessa Cristiane Pascoaloto³

Resumo

O presente texto aqui desenvolvido apresenta dados, reflexão e análise resultantes do desenvolvimento de projeto de pesquisa no período de 2011-2013, cujo objetivo principal foi o de mapear instituições escolares confessionais em Mato Grosso do Sul. Por outro lado, insere enfoque sobre a presença presbiteriana na região leste do estado, como também a criação e manutenção da Escola Evangélica, pelos idos de 1950, na cidade de Cassilândia (MS)⁴. Os aportes teórico-metodológicos que subsidiaram o desenvolvimento da investigação são os da Nova História Cultural (NHC), como também os que dizem respeito à História Oral (HO). Para tanto, na análise são utilizadas fontes bibliográficas, primárias, fotografias e material coletado em entrevistas concedidas por membros da Igreja Presbiteriana Independente-IPI e de ex-professoras da instituição escolar. Em termos gerais, admite-se que a presença da escola e sua atuação na cidade, contribuíram de forma significativa para escolarização da infância na cidade nas décadas de 1950 e 1960.

¹ Docente dos cursos de Pedagogia, Geografia (UEMS – Campo Grande) e Mestrado (UEMS – Paranaíba). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Gênero e Diversidade (GEPEGEDI).

² Docente do curso de Pedagogia (UEMS – Paranaíba). Vice-líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Gênero e Diversidade (GEPEGEDI).

³ Graduada em Pedagogia. Docente da Rede Municipal de Educação de Paranaíba (MS).

⁴ Hoje, em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Protestantismo. História Oral. Escola Primária.

Abstract

This paper presents data, reflection, and analysis resulting from the development of a research project in the period 2011-2013, whose main objective was to map confessional schools in Mato Grosso do Sul. On the other hand, it also contributes about the Presbyterian presence on the east side of the state, as well as the creation and maintenance of Evangelical School, by the 1950's in the city of Cassilândia (MS). The theoretical-methodological contributions that supported the development of the research belong to the New Cultural History (NCH) and the Oral History (OH). To do so, the analysis uses bibliographical sources, primary sources, photographs, and material collected in interviews granted by members of the Independent Presbyterian Church-IPC and former teachers of the school. In general terms, it is understood that the presence of the school and its performance in the city, contributed significantly to the schooling of a generation in the city in the 1950s and 1960.

Key-words: Protestantism. Oral History. Primary school.

Introdução

Em termos gerais, pode-se afirmar que os estudos que investigam as instituições escolares confessionais sejam elas católicas, protestantes, espíritas entre outras, são recentes em nosso país, destacando-se em programas de pós-graduação, sobretudo nas últimas três décadas. A existência dessas instituições passou a chamar a atenção dos pesquisadores motivados pelo desejo de se conhecer um pouco mais a ação desses segmentos religiosos no campo da instrução ou da educação brasileira. Embora a presença católica no cenário educacional brasileiro remonte ao período de Colônia, não se pode desconsiderar a presença de protestantes vinculados à instrução, já no final do século XIX, apesar de que sua disseminação tenha ocorrido de forma mais vigorosa por todo o século XX. O texto aqui alinhavado, foi estruturado tendo

como eixo a presença presbiteriana em solo brasileiro, mato-grossense e sul-mato-grossense, mas interligada à ação missionária de evangelizar e escolarizar a infância e juventude nos cantos e recantos em que estiveram inseridos, mas precisamente, na cidade de Cassilândia (MS).

1. Presbiterianos no Brasil: destaques sobre sua gênese

Em termos gerais pode-se afirmar que os primeiros protestantes a chegarem ao território brasileiro no século XIX, formavam dois grupos compostos por europeus⁵ e norte-americanos. Os primeiros possuíam como princípio a criação de comunidades e congregações e, os segundos concentravam-se no desenvolvimento de missões envoltas em projetos essencialmente evangelizadores. Mais especificamente, por volta de 1850, há um crescimento da presença protestante fomentada pela tentativa de inserção desse protestantismo principalmente por membros das denominações Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal.

Compreende-se que as raízes do protestantismo brasileiro, tiveram suas bases consolidadas na América do Norte e em suas missões. Os movimentos neoconservadores e reformistas da sociedade e das igrejas norte-americanas restauraram os antigos paradigmas religiosos e educacionais, e, a sociedade brasileira, recebeu essa nova cultura como vanguarda do progresso e da modernidade.

⁵No que se refere à igreja institucional, ou seja, a formação de comunidades evangélicas permanentes, os pioneiros foram os imigrantes alemães. Esses se estabeleceram na região do Rio de Janeiro (Nova Friburgo – 1824) e no Rio Grande do Sul. Construíram instituições luteranas, no entanto não podemos considerar como a principal forma de difusão desta “nova crença”.

No ano de 1859, a assembleia da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos aprovou relatório que fora enviado pela Junta das Missões Estrangeiras de Nova York. Constou nos relatórios dos missionários, que o Brasil era um país como amplo campo de missão, com pequena população e governo liberal. Com a aprovação do relatório, foi nomeado pela Junta das Missões Estrangeiras, o Reverendo Ashel Green Simonton, incumbido de fundar e pregar a fé protestante no país. O missionário trouxe consigo cartas de apresentações redigidas pelo James Cooley Flether, que visitara o país e estabeleceu relações de amizade com políticos e intelectuais liberais.

Outro marco na história do protestantismo brasileiro, diz respeito à divisão em Igreja Presbiteriana (do Norte), subsidiada pela Junta de Nova York, liderada no Brasil pelo reverendo Simonton e a Igreja Presbiteriana (do Sul), liderada pelo Comitê de Nashville, representado por Edward Lane e George N. Morton. As primeiras instituições presbiterianas brasileiras foram criadas pelos missionários e imigrantes da Igreja do Norte.

Com a aprovação do relatório enviado à Junta de Nova York, o Reverendo Simonton foi nomeado para vir ao Brasil. Embarcou em Baltimore - cidade em que morava - no navio Bamshee, no dia 18 de junho de 1859 com destino ao Rio de Janeiro, que ancorou no dia 12 de agosto do mesmo ano no país. Começou a pregar o evangelho em língua estrangeira, ainda no navio, para imigrantes estrangeiros. Iniciou aulas de português com Reverendo Robert R. Kalley (de origem escocesa), que já se encontrava no país por volta de quatro anos, realizando trabalhos para ampliar a liberdade religiosa. Em 22 de abril de 1860, proferiu seu primeiro culto em língua vernácula. Alguns meses depois juntaram-se a ele, vindos dos EUA, sua irmã Elizabeth e esposo,

o Reverendo Alexander Latimer Blackford, para auxiliá-lo em seu ministério. Entre outras coisas, o casal abriu uma sala para dar aulas de inglês gratuitas para quem quisesse aprender, e para vender bíblias.

Simonton implantou em 1859, no Rio de Janeiro a Igreja Presbiteriana. Posteriormente, dirigiu-se em ação de missão no ano de 1860 para a cidade de São Paulo e o interior do estado. Nessas viagens, utilizando-se de sua ótica de ministro protestante, alegou que os brasileiros estavam passando por um abandono educacional e cristão, e, que os imigrantes (protestantes) sofriam mais ainda, pois não podiam se casar nem batizar seus filhos, devido aos preceitos que vigoravam no cenário de então.

No dia 12 de janeiro de 1862, concretizou-se sua primeira grande realização que foi a fundação da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, recebendo dois membros por profissão de fé e batismo.

No ano de 1864, criou o Jornal Imprensa Evangélica, considerado importante para a divulgação da educação norte americana; o presbitério do Rio de Janeiro em 1865. O presbitério do Rio de Janeiro, instalado no dia 16 de dezembro de 1865, era composto por apenas três pequenas igrejas e três missionários estrangeiros, filiando-se ao Sínodo de Baltimore, da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. O principal objetivo da criação desse concílio foi algo que ocorreu no dia seguinte no mesmo salão próximo ao Largo de São Bento - a ordenação de José Manoel da Conceição⁶ como pastor presbiteriano.

⁶ José Manuel da Conceição era padre, foi excomungado, e se tornou primeiro pastor protestante brasileiro. Mendonça (2008), relata que o ex-padre viajava pelas paróquias propagando sua nova fé e assim conseguindo novos protestantes presbiterianos na região de São Paulo e fronteira de Minas Gerais.

Expandiu o evangelho pela capital paulista e interior. Na região paulista, Simonton conseguiu pessoas para distribuir, vender bíblias e livros evangélicos. O Reverendo Alexander Blackford (cunhado de Simonton), organizou as primeiras igrejas de São Paulo e na vila de Brotas, no ano de 1865.

Em 1866, os primeiros oficiais eleitos pela igreja foram: os diáconos Willian Richard Esher, Camilo Cardoso de Jesus e Antonio Pinto de Souza. Eles começaram o trabalho de evangelização de porta em porta. A última contribuição de Simonton para o presbiterianismo brasileiro foi a criação de um seminário teológico que funcionou por três anos, tendo como professor ele mesmo, seu colega Schneider e um pastor luterano, Carlos Wagner. Este seminário formou quatro pastores nacionais: Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa, Antonio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres e Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Simonton faleceu no dia 9 de dezembro de 1867, com 35 anos, com uma febre muito forte. Foi enterrado em São Paulo no cemitério dos protestantes. (MATTOS, 2004).

Ainda em terras brasileiras foram criadas a Igreja de Lorena (1868), a de Sorocaba (1869) e a de Borda da Mata (1869). A primeira escola paroquial e o primeiro seminário foram criados no ano de 1867, ambos no Rio de Janeiro. “As décadas de 1870 e 1880 foram marcadas por uma grande expansão da obra em termos do número de missionários, pastores nacionais, novas igrejas e regiões atingidas”. (MATOS, 2004, p. 14- 15).

Outro fator para a expansão dos presbiterianos, no país, foi a imigração dos missionários do Sul dos Estados Unidos (1869). Esta presença marcou a segunda fase do presbiterianismo brasileiro, período de consolidação, devido

à união entre a Igreja do Norte e a do Sul. A partir dessa união criou-se o Sínodo do Brasil, e, em 1888, no Rio de Janeiro, o presbitério desfilou-se do Sínodo de Baltimore, tornando um fato de grande relevância à Igreja Presbiteriana (brasileira). “Entre a chegada de Simonton (1859) e o fim do Império, já tinham os presbiterianos mais de cinquenta igrejas, quatro presbitérios com unidades regionais, dois colégios e diversos periódicos”. (MENDONÇA, 2008, p. 50).

Em 1890, a Igreja passou por uma crise “pessoal”, decorrente de dificuldades surgidas entre o Reverendo Eduardo e líderes do Mackenzie Collège (Dr. Horace Manley Lane e reverendo Willian Alfred Waddell). A situação afetou os missionários que compunham o presbitério brasileiro e das missões norte-americanas. A Igreja – brasileira - queria a fundação de seminário, mas a Junta de Nova York, por sua vez, pretendia a formação de novos pastores pelo Mackenzie Collège e investir na educação da juventude. (MATOS, 2004, p. 16).

No ano de 1896, a Missão Norte e Sul dos Estados Unidos subdividiu-se na questão administrativa. A Igreja do Norte, administrada pela junta de Nova York, abrangeu os estados do Rio de Janeiro, Sergipe, Bahia, norte de Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina. A Igreja do Sul passou a ser administrada pelo comitê de Nashville e com atuação nas regiões de São Paulo, Goiás, Minas, Norte e Nordeste do país.

As divergências quanto aos objetivos da educação presbiteriana em São Paulo, aliadas ao desejo de alguns brasileiros de alterar a ação demissionários norte- americanos e sua influência nos concílios, foram responsáveis pela primeira cisão da comunidade presbiteriana, que deu origem a duas novas

denominações: a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e a Igreja Presbiteriana Independente (IPI) (GOMES, 2000, p. 126). O Reverendo Carlos Pereira e seus partidários desligaram-se do Sínodo para criar a IPI. As divisões de opiniões entre os missionários levaram a divisão da Igreja Presbiteriana não apenas de pastores, mas de obreiros também. Outra questão de celeuma do reverendo e seus *seguidores* era a de não aceitação de membros maçons na Igreja. Também acreditavam e defendiam que as despesas deveriam ser custeadas com seus próprios recursos, levando em consideração a necessidade e a realidade local. Outro ponto de discórdia na separação da Igreja em duas, foi também reforçado com a formação de pastores nacionais, aumentando a divisão que já havia com os americanos do Norte com os do Sul nos Estados Unidos, já presentes na liderança da Igreja no Brasil.

Os missionários norte-americanos realizavam grandes investimentos em instituições de ensino, pois, acreditavam que seria por meio da educação que as pessoas se converteriam ao protestantismo. O reverendo Eduardo discordava, acreditava que o dinheiro deveria ser aplicado na evangelização, pois o trabalho seria mais favorável. No ano de 1909 criou-se o Sínodo Meridional e o Setentrional. No ano de 1910, por volta do dia sete de janeiro, a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro organizou a Assembleia da Igreja Presbiteriana do Brasil, elegendo seu primeiro Moderador, o reverendo Álvaro Gonçalves dos Reis. No ano de 1917, a Igreja nacional junto às missões norte-americanas firmou um acordo, denominado de “Modus Operandi ou BrazilPlan”, desligando os missionários dos presbitérios, levando a atuarem em outros lugares e regiões.

A partir do século XX, a Igreja Presbiteriana passou a ter novas *irmãs* (congêneres) como: Igreja Presbiteriana Independente (1903); Igreja Presbiteriana Conservadora (1940); Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (1975); Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (1978). A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), no início de sua implantação contava apenas membros estrangeiros. Após o trabalho de Simonton, a população presbiteriana aumentou com a presença de brasileiros.

As missões dos norte-americanos não tinham apenas o objetivo de evangelizar, buscava-se educar pessoas para ascensão social e no sentido de coletividade. As escolas desse modelo apresentavam valores como “[...] honra, virtude, respeito mútuo, temperança e liberdade, derivados da religião e do acatamento de seus preceitos. Buscava-se motivar e incentivar os alunos a seguir um modelo de educação que propiciasse mudanças comportamentais. [...]”. (ALMEIDA, 2007, p.335).

Parece óbvio que ação educacional protesntante não visou tão somente o ato de ensinar o povo a ler e compreender a bíblia. A finalidade de se ter uma escola ao lado de cada igreja, foi também de suprir a ineficiência do sistema pedagógico do país (século XIX)e também para prevenir conflitos entre as práticas católicas romanas. Criar as escolas para os filhos de famílias evangélicas e para as crianças convertidas “[...] era um meio indispensável para conseguir fidelidade religiosa e atrair novos adeptos. [...]” (ALMEIDA, 2007, p. 333). Tais escolas foram implantadas com o objetivo de aumentar e manter os seguidores da fé reformada, no caso, presbiteriana.

Entre as principais preocupações e projetos dos missionários presbiterianos, encontravam-se o da instalação de escolas, Muitas dessas

instituições, se tornaram ao longo do tempo, renomadas, como foram os exemplos do Instituto Gammon de Lavras, fundado em 1869; o Mackenzie College de São Paulo (SP), em 1870; o Ginásio Evangélico Agnes Erskine, em Recife (PE), criado em 1904; o Instituto Ponte Nova, em Wagner (BA), em 1906; o Colégio Quinze de Novembro, em Garanhuns (PE), em 1907; o Instituto Cristão, em Castro (PR), em 1915; o Colégio Evangélico do Alto Jequitibá, em Presidente Soares, em 1923; o Colégio Evangélico Buriti, na região da Chapada dos Guimarães (MT), em 1924; o Instituto José Manuel da conceição, em Jandira (SP), em 1928; o Colégio Dois de Julho, em Salvador (BA), em 1928. (ALMEIDA, 2007, p. 331).

Em termos mais gerais, pode-se admitir que ao longo do período republicano, foram criadas inúmeras escolas no território nacional, para que os missionários, quase sempre auxiliados por suas esposas, exercessem o ensino de primeiras letras à infância e juventude. Há indícios consistentes – e as pesquisas já desvelam isso - de que a presença deles como também de outras confissões da fé reformada como metodistas e batistas, exerceram considerável contribuição na escolarização pelo interior do país.

2. Presbiterianos na educação em Mato Grosso⁷

No desejo de se conhecer a produção acadêmica no que diz respeito ao presbiterianismo e educação em solo mato-grossense e sul-mato-grossense, realizou-se busca no Banco de Teses da Capes, localizando quantidade exígua de trabalhos sobre o tema (quatro dissertações). Assim, nos estudos de Silva

⁷No então estado de Mato Grosso, cujo espaço geográfico foi dividido para compor o atual estado de Mato Grosso do Sul (1977).

(2011), foram abordados os impressos protestantes vinculados às confissões metodista e presbiteriana, enquanto fontes para a historiografia da educação brasileira. Em seus estudos, traça significativo panorama acerca do movimento protestante e sua expansão pelo país ao abordar a trajetória de anglicanos, metodistas, congregacionais, batistas, episcopais e presbiterianos. No que tange ao então estado de Mato Grosso, ressalta que a primeira denominação a se estabelecer por essas terras, foi a dos batistas, mais especificamente na região da fronteira:

A denominação protestante mais antiga na região Sul de Mato Grosso são os Batistas que, após se estabelecerem em Corumbá seguem para Campo Grande em 1917. Em 1930, já tinham um trabalho muito organizado de propagação do evangelho através das igrejas, e também outras instituições que serviam como ponto de apoio e disseminação das ideias protestantes da dada denominação. (SILVA, 2011, p. 52).

A partir dessa fixação procuraram se estabelecer noutras localidades no estado como ocorreu em Três Lagoas, chegando à cidade em 1920, promovendo conversões e instituindo pequena congregação.

Quanto ao ramo presbiteriano, sua chegada deu-se no por volta de 1929, mais especificamente na região de Dourados, quando uma associação entre denominações lá se estabeleceu, com o propósito de evangelizar e instruir os indígenas ali residentes. Também fundaram a Escola Presbiteriana Erasmo Braga, em 1939. Seguindo o desejo de expansão do campo missionário, se instalaram em Campo Grande, por volta de 1935, dando início mais tarde a ações no campo da educação:

Em outubro de 1960, os presbiterianos fundaram a Escola Primária Evangélica, em convênio com o Estado, os cursos oferecidos eram o primário e admissão para o ginásio [...]. Desde a chegada dos primeiros protestantes, várias denominações estendem suas ações para a área educacional no sentido de disseminar suas ideias e consolidar sua ideologia através das escolas confessionais que eram um meio de penetração. (SILVA, 2011, p. 53).

Em termos gerais, a pesquisa destaca a relevância da circulação e do uso dos impressos protestantes, mais particularmente dos jornais, como meio de propagação da fé, como também de fortalecimento de ações no campo educacional de então.

O segundo trabalho foi o desenvolvido por Gonçalves (2009), cujo enfoque recai sobre a implantação da Missão Evangélica Caiuá (1929), na região de Dourados (MS)⁸ por episcopais, metodistas e presbiterianos com intenções de estabelecer a catequização de indígenas da região. Em termos gerais, seus estudos abarcam o chamado movimento missionário, cuja origem remonta às igrejas norte-americanas em franca expansão ao final do século XIX e por todo o XX, mormente na América Latina. Além disso, ressaltou os movimentos organizados pela confissão por meio de congressos e conferências, enquanto lócus de fortalecimento e organização de ações para os chamados campos missionários, no afã de se levar a mensagem protestante a outros países do continente, cuja presença desse segmento, era até então muito exíguo. Embora o autor foque ação de protestantes em nosso estado, não teve como objeto em seus estudos, a educação protestante desenvolvida por presbiterianos, metodistas ou episcopais em Mato Grosso.

⁸ À época, localizado no sul de Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul.

O terceiro, desenvolvido por Elias (2012) abordou o protestantismo de missão e de dimensão ecumênica, destacando com ênfase a presença de agentes presbiterianos no então Sul de Mato Grosso, como também da criação da Associação Evangélica de Catequese dos Índios do Brasil (AECI). Segundo ele, a ação do presbiterianismo esteve concentrada no campo da saúde, da evangelização e da educação na cidade de Dourados. Por outro lado, realiza em sua narrativa, vertiginoso retrocesso histórico recuando às questões de povoamento dessa região do estado, ainda no século XIX, como também acerca do cenário da Guerra do Paraguai e de suas consequências para a região. Avançando, aborda o cenário mato-grossense nas primeiras décadas do século XX, destacando as querelas e desavenças de lideranças políticas locais e da presença militar buscando suplantar pequenas revoltas.

Ainda segundo o autor, a presença presbiteriana em solo mato-grossense remonta pelos idos de 1913, quando os primeiros membros chegam a Cuiabá e assumem o trabalho missionário de metodistas, que até aquela data parecia não ter dados frutos:

Em 14 de Outubro de 1913, chegou a Cuiabá o Ver. Franklin Graham, marcando o início da obra presbiteriana em Mato Grosso. Ver. Franklin Graham registrou em seu diário que encontrou, em Cuiabá, o Sr. João Elias, proprietário da Companhia Telefônica de Cuiabá, por quem é muito bem recebido e que orava para que alguém viesse pregar o Evangelho, pois o trabalho, apesar de antigo, não crescia. Posteriormente, se dirigiu a Cáceres, Barra dos Bugres e a São Roque na Bolívia [...]. Retornou em janeiro de sua viagem e a 04 de novembro de 1914, recebeu oito adultos por profissão de fé, dos quais quatro eram da família Dias, e batizou cinco crianças. (FERREIRA, 1992, apud ELIAS, 2012, p. 78).

Outros apontamentos são registrados pelo autor, mas seu foco esteve mais centrado na presença presbiteriana no estado. Porém pouco contemplou no que tange à educação desenvolvida pelos agentes missionários.

Por fim, a investigação realizada por Freitas (2013) recaiu sobre a criação e trajetória do Colégio Evangélico de Buriti, fundado em 1923 na região de Chapada do Guimarães (MT)⁹ por missionários presbiterianos, tendo como iniciadores o casal Homer Oliver Moser e Estela Edith Lahr Moser, que foram ao longo do período, substituídos por outros missionários na condução do colégio e da fazenda.

A abordar a instituição, traz à tona elementos e informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos fundadores e continuadores da obra no decorrer de décadas. Por outro lado, aponta o seu desenvolvimento, a construção e ampliação de suas instalações, além de ilustrar a narrativa com figuras, mapas e outros elementos semelhantes. Outros elementos despontam no texto, como o que diz respeito ao acolhimento e da infância e juventude de ambos os sexos na instituição, mas também das intercorrências e do “abre” e “fecha” do colégio e de suas dependências.

Ainda no trabalho em questão, o autor traça uma linha da presença presbiteriana no estado, sobretudo nos propósitos e projetos de uma ação evangelizadora e educadora. Os apontamentos do autor indicam ainda, a dispersão de membros da confissão pelo interior, chegando a cidades como Aquidauana, Guia Lopes da Laguna, Amambai entre outras.

⁹O autor em questão, afirma que a gênese do Colégio foi a Escola Americana de Cuiabá (MT), transferida da Capital para o Buriti, em 1919.

Em termos gerais, percebe-se que a produção é esparsa, e que estudos ainda necessitam de ser realizados, tendo em vista a necessidade de se conhecer melhor a ação de agentes protestantes no solo do então estado de Mato Grosso.

3. Presbiterianos em Cassilândia (MS)

A Igreja Presbiteriana Independente (IPI) foi fundada na cidade de Cassilândia em meados de 1940¹⁰. No período, a cidade estava no início de seu povoamento, quando chegaram os membros das famílias Rezende e Nogueira da capital paulista, que contribuiriam de forma significativa para o desenvolvimento da fé protestante no local.

O primeiro culto foi realizado pelo Reverendo RyishIizuka, que veio de Luziânia (GO), na residência do senhor Chaim e Iracy, por ocasião do aniversário dos filhos gêmeos do casal. A partir de 1945, aproximadamente, foram iniciadas as atividades dos presbiterianos. Semanalmente, ocorriam cultos nos lares (cidade ou nas fazendas, chácaras etc) dos adeptos ou simpatizantes.

A construção do primeiro templo foi iniciada em 1952, em terreno doado por uma de seus adeptos, no caso o senhor Eliu Rezende e Silva. A obra se deu por meio de doações dos frequentadores e pagamento de dízimos pelos membros da igreja. De início, havia poucos membros, mas com o passar dos anos, novas filiações possibilitaram a conclusão do templo, que fora construído com tábuas. Posteriormente, em meados da década de cinquenta,

¹⁰ Por meio da metodologia da História Oral (HO) foram realizadas entrevistas com membros da IPI e de ex-professoras da Escola Evangélica de Cassilândia (MS), a saber: Raul Rezende e Silva, Dirce Barbosa Rezende, Bárbara Cândida e Silva e Nely Vaz da Costa.

foi adquirido outro terreno e começaram as obras para a edificação de um novo templo em alvenaria. Entre as famílias que participavam dos cultos (iniciais) estão as famílias Rezende, Nogueira, de Luiz Batista, de José Martins, senhora Nely e Valter, do senhor Nestor.

De acordo com os relatos de dona Bárbara Cândida, todos os pastores que passaram pela igreja deram o melhor de si, para que ocorresse um bom funcionamento e crescimento da congregação. Como foi o caso do Pastor Cândido Borges, segundo ela, seus cultos eram muito alegres, Ambrosina (sua cunhada) tocava o único instrumento que a igreja possuía. Destacou também o pastorado do Reverendo Ezequias, foi quem construiu o primeiro templo em alvenaria da igreja. O Reverendo Aníbal, em cujo pastorado a Escola Evangélica foi criada, ele também fundou o Ginásio Estadual de Cassilândia. Enfatizou ainda a presença do Reverendo Sérgio no ano de 1974 (formado em Teologia) e outros como Benedito, Walmir, Rui Anacler, José Inocencio Márcio, José Rômulo, Antonio de Oliveira, Ariosto.

Destacou também o Reverendo Silas e senhora Sara¹¹, sua esposa, eram norte-americanos, e teriam realizado trabalho evangélico relevante na região de Paranaíba (MS), Serranópolis (GO), Ánapolis (GO), Itarumã (GO), Água Clara (MS), Campo Grande (MS), Aquidauana (MS) e em Jataí (GO), onde residiram nas décadas de 1950 a 1960. A prática evangelizadora do casal foi intensa, e suas pregações aconteciam de fazenda em fazenda, viajando a cavalo, passavam o ano na estrada. Em cada local que eles paravam, criavam

¹¹ Aqui, fica uma incógnita: estariam, eles, ligados aos presbiterianos norte-americanos de Jataí (GO), que fundaram e desenvolveram obra educacional considerável naquela cidade, por meio da criação do Instituto Samuel Graham.

um ponto onde se tornaria mais uma igreja, sendo que as pessoas convertidas ficavam responsáveis pelo templo. Num de seus depoimentos, dona Bárbara observa que naqueles tempos os pastores, em sua grande maioria, vinham de Brasília, São Paulo e Goiás.

4. Escola Evangélica de Cassilândia (1958-1968)

Com o bom funcionamento da Igreja e o aumento de seus integrantes a profa. Ambrosina Apolinária Rezende se dispôs a fundar a Escola Evangélica, junto com o pastor Ezequias e o auxílio dos membros da congregação. Após as providências iniciais, a Escola Evangélica passou a funcionar ao final dos anos de 1950, exercendo sua ação por aproximadamente dez anos.

Segundo os dados levantados, a instituição foi criada tendo em vista a necessidade de mais uma escola que atendesse à população. Na cidade, naquela época, existia apenas um Grupo Escolar. Outro motivo, segundo os entrevistados, é que as famílias protestantes (presbiterianos) encontravam dificuldade em enviar seus filhos para a escola. Também despontou nos diálogos, o interesse dos adeptos e membros da congregação em oferecer uma educação escolarizada permeada pelos preceitos bíblicos. Assim, para dar sustentação à instituição, foram construídas quatro salas de aulas, para serem utilizadas durante a semana para as funções do Colégio; aos domingos para as aulas de doutrina e estudos da Bíblia; e, ainda durante o período de férias escolares para o curso da EBF (Estudo Bíblico de Férias). Também foi construído um salão para ser utilizado em festas comemorativas da escola e da igreja. Como essa estrutura, eram ofertadas classes de 1^a. a 4^a. séries, com aulas

normalmente em dois turnos. Além disso, havia outro espaço físico em que se trabalhava com as crianças do Jardim de Infância.

Uma vez por semana, os membros e professores da Igreja faziam doces, salgadinhos e os vendiam na feira domingueira da cidade. Outros realizavam ofertas especiais, vendiam gado e doavam o dinheiro para a igreja e escola. Havia a Festa da Laranja, quando se encontrava sementes e sua quantidade correspondia à soma de dinheiro a ser doado. A escola também promovia eventos, confeccionavam objetos para serem vendidos. Para incrementar as festividades e torná-las mais concorridas e frequentadas pela população, foi comum a apresentação de peças teatrais, cujos textos ou enredos eram criados pelas próprias professoras do Colégio Evangélico de então.

Figura 01 - Campanha para arrecadação de dinheiro. Coroação da rainha e princesa



Fonte: Acervo pessoal de Bárbara Cândida e Silva

A escola junto com membros da IPI promovia constantes campanhas para arrecadação de fundos, e, para tanto, lançada mão de vários expedientes, como ocorria, por exemplo, com a venda de bilhetes. Acontecia que, quem

conseguisse vender mais, receberia a faixa e coroa de rainha e, o segundo lugar, de princesa.

As despesas em geral foram custeadas pela igreja. Com o funcionamento os alunos teriam que pagar uma mensalidade, que seria a renda arrecadada para efetuar o pagamento dos professores e arcar com outras despesas. Entretanto, essa era uma dificuldade constante, e, não raro alguma professora tinha seus vencimentos atrasados. Por outro lado, acontecia dos pais reclamarem da necessidade das mensalidades, ao que parece, alguns deles gostariam que o ensino de seus filhos fosse gratuito.

A professora Ambrosina Apolinária de Rezende esteve à frente da escola e coordenava os outros professores, dando-lhes suporte pedagógico para o bom desenvolvimento das aulas. No início da Escola Evangélica, ela ministrava aulas em todas as séries, sendo auxiliada pela senhora Bárbara, talvez por serem integrantes da congregação da IPI, eram professoras voluntárias. Outro que colaborou, foi o senhor Raul Rezende que lecionou apenas no início e com a contratação de professores não quis permanecer mais como professor, ficando como colaborador.

Ao todo, houve cerca de seis professoras, sendo elas Iracy Soares dos Santos, Nadir, Guiomar Batista, Ambrosina Rezende, Bárbara Rezende e Nely Vaz da Costa. Os professores eram unidos, compreensivos, gostavam de dar aula, “a Escola Evangélica era muito boa, não deixou nada a desejar”. (Nely Costa). Os dados apontados por dona Bárbara destacam que havia uma escassez de professores na região. Ao ser convidada para auxiliar Ambrosina nas aulas, sentiu-se de certa forma incapacitada, e voltou a estudar. Tinha sido alfabetizada por uma tia, que estudou na escola da IPI da Campeira.

Figura 02 - Professoras do Colégio Evangélico, década de 1960.



Fonte: Acervo pessoal de Bárbara Cândida e Silva

Pelos idos da década de 1960 iniciativas por parte do governo de Mato Grosso, passou a oferecer para os professores leigos, em período de férias escolares o Programa de Aperfeiçoamento do Magistério Primário (PAMP), que por sua vez estava vinculado ao MEC. Além de certificar os não habilitados que lecionavam na zona rural, o curso fora estendido aos docentes das cidades do interior do estado.

Figura 03- Curso PAMP em Aquidauana MS. s/d.



Fonte: Acervo pessoal de Bárbara Cândida e Silva

Os entrevistados comentaram sobre as comemorações que a escola e a igreja promoviam. Afirmaram que comemoravam a Independência do Brasil com desfiles. Para os Dias das Mães e dos Pais, ocorriam com ornamentos e decorações com o envolvimento de todos os alunos. Organizavam-se gincanas e festas para vender os trabalhos artísticos dos alunos, como vasos em argila, pinturas em tela, quadros etc. Os melhores trabalhos recebiam prêmios. A escola participava do Desfile Cívico (07 de setembro), além daquele realizado no aniversário da (03 de agosto). Todos os trabalhos escolhidos e premiados - no decorrer do ano -, acabam sendo expostos em seu conjunto ao final do mês de novembro.

Ainda ao que tange aos festejos, foi estipulado em livro ata que deveria ser realizada a comemoração do dia 25 de agosto, Dia do Soldado. O Dia da Árvore, cada turma deveria plantar uma muda e cuidá-la diariamente. Na Semana da Pátria se organizavam palestras cívicas, levando pessoas da sociedade para relatar os deveres e direitos de um bom cidadão.

A instituição da instituição tinha como costume promover a Festa de Formatura das turmas de 4ª série. Nessas ocasiões, havia momentos de interação e distração entre os docentes, alunos e familiares. Cabia aos professores toda a organização, decoração, a confecção de lembrancinhas e entrega de convites.

Figura 04 - Alunos na formatura da quarta série, s/d.



Fonte: Acervo pessoal de Bárbara Cândida e Silva

Sobre as suas impressões do ontem e do hoje, dona Bárbara observou que naquele tempo era mais fácil de ministrar aulas, as crianças não eram tão rebeldes. Quanto à indisciplina ou outro problema de sala de aula, caberia à professora solucioná-lo em sala de aula, em casos de extrema necessidade a diretora interviria. Os professores procuravam transmitir ensinamentos de boas maneiras, valorizando o amor ao próximo e respeito uns para com os outros.

Quanto ao uso de materiais impressos para subsidiar a prática pedagógica, fica uma grande lacuna no sentido de se compreender a sua aplicação ou não na escola. A única menção é a de que se utilizava de cartilha, escolhida pela profa. Ambrosina (Diretora). A Bíblia, por sua vez, tinha uso frequente.

Os professores usavam do recurso de deixar os alunos que os desrespeitassem, em salapor uma hora, aproximadamente, para reflexão (pensando) ou em caso de não desempenho das atividades propostas, permaneceria em sala até a conclusão. Exigia-se disciplina dos professores, que por sua vez a aplicava a seus alunos. Segundo as entrevistas coube aos professores transmitir o conhecimento de maneira simples, linguagem fácil, sem o uso de gírias; além de trato e cuidado com a aparência.

Havia também exame para o aluno que não atingisse a nota. O professor entregava as notas finais até o primeiro dia de dezembro junto com a lista de presença, cabendo lembrar que toda organização e confecção dos diários eram de responsabilidade dos professores.

A prática de fornecer boletins, contendo suas notas era comum, apotamentos sobre o desenvolvimento e comportamentos de cada aluno. Todo dia primeiro de cada mês, a(s) professora(s) tinha o dever de entregá-lo para o aluno e recolhê-lo até o dia cinco, junto com a mensalidade cobrada pela escola.

Por meio da lista de presença os professores controlavam a assiduidade dos alunos, os que apresentassem muitas faltas eram averiguados os motivos e as necessidades das mesmas. Em reuniões com os pais, estabelecia-se diálogos como professores, apresentando e discutindo sobre as dificuldades dos alunos.

Quanto ao corpo discente, verificou-se que não eram todos evangélicos, existiam aqueles que eram espíritas e católicos. Todos os materiais escolares deveriam ser providos pela família. A IPI em casos específicos costumava

auxiliar com doações ou com descontos nas mensalidades, apenas para as famílias com mais de dois filhos matriculados.

A coordenação junto aos professores estipulava um mês após o início das aulas para que cada aluno adquirisse seu uniforme, caso contrário não poderia assistir às aulas. Cabia ao professor dar a nota nas atividades avaliativas. Devendo ser justo, imparcial, com atitudes calmas equilibradas e estando sempre bem humoradas. Muitos dos ensinamentos eram transmitidos por meio de músicas, deixando as aulas mais alegres e divertidas.

Figura 05- Professoras da Escola Evangélica



Fonte: Acervo pessoal de Bárbara Cândida e Silva

No que tange à rotina de asseio e limpeza, cada professora cuidava da sua. Outras atividades ainda estavam ao cargo delas como encapar os diários, mantê-los organizados, limpos e sem rasuras. Também era de suas atribuições dar o sinal de entrada, disciplinar os alunos em filas, realizar culto uma vez por semana (sexta-feira), recreação com passeios, jogos e brincadeiras.

As disciplinas do curso primário da escola eram constituídas pelo Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Física e

Educação Artística. Além desse rol, havia Economia Doméstica, ofertada mais especificamente para as meninas, e voltada para as técnicas do bordar, costurar, cozinhar. Para os meninos ensinavam o cultivo de hortas, cuidar de plantas.

Outro aspecto da rotina escola, era a meta estabelecida para cada professor, que era o de ensaiar um canto, que seria cantado por todos (em fila) na sexta-feira, neste mesmo dia deveria haver um culto realizado pela professora de cada turma.

No geral, o período de aulas diárias compunham uma carga horária de três horas e meia, com o acréscimo de quinze minutos para o recreio. As aulas de Educação Física ficavam reservadas para os sábados, a carga de uma professora por turma.

Considerações finais

Amparados pelos aportes teórico-metodológicos da História Oral (HO) na coleta dos depoimentos orais, buscamos no desenvolvimento do presente texto, apresentar de forma breve e sintética a gênese da presença presbiteriana no país, como também de sua inserção no cenário educacional brasileiro.

Procuramos, ainda, apontar o início da constituição da congregação presbiteriana na cidade de Cassilândia (MS), como também sobre os trabalhos e esforços para a criação da escola na localidade, pelos idos de 1950. Vale registrar o idealismo daqueles que se esforçaram para a sua concretização, ou seja, de se ter uma escola primária permeada por princípios protestantes.

Naquele período (1950), foi algo um tanto quanto desafiador criar e desenvolver uma instituição escolar numa comunidade pequena como foi

aquela, sobretudo, num meio em que a população era majoritariamente composta por católicos. Há indícios que juntamente com o formato escolar, ocorreram as práticas vinculadas à religião, como o hábito de realizar orações, cantos, estudos da Bíblia, que, certamente deixaram suas marcas naqueles que passaram pelos bancos da Escola Evangélica de Cassilândia.

Mas, a despeito dos entraves e problemas, a instituição teve sua trajetória e, sem sombra de dúvida beneficiou por meio da escolarização, parte da infância e juventude cassilandense.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. *Revista brasileira de educação*, v.12, n. 35, p.327-342, maio/ago., 2007.

ELIAS, Francirlei Ferreira. *O presbiterianismo pioneiro e sua contribuição no Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Paulo, 2012.

FREITAS, Lucas Paulo de. *Entre o evangelho e o ensino: o Colégio Presbiteriano Buriti (1923-1965)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2013.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *Religião, educação e progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870e 1914*. São Paulo, SP: Editora Mackenzie, 2000.

GONÇALVES, Carlos Barros. *O movimento ecumênico protestante no Brasil e a implantação da Missão Caiuá em Dourados*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Programa de Pós-Graduação em História, Dourados, 2009.

MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*. 3. ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Paula Nudimila de Oliveira. *Os impressos protestantes como fonte para a História da Educação: inferências educativas no sul de Mato Grosso (final do século XIX, início do século XX)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Programa de Pós-Graduação em Educação, Dourados, 2011.

Recebido: 30 de janeiro de 2017

Aceito: 10 de março de 2017

Publicado: 10 de maio de 2017